

O GÊNERO DISCURSIVO CHARGE NO CONTEXTO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR CRÍTICO NO ENSINO MÉDIO

EUNICE BRANDÃO DA CONCEIÇÃO RAMOS



EUNICE BRANDÃO DA CONCEIÇÃO RAMOS

O GÊNERO DISCURSIVO CHARGE NO CONTEXTO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR CRÍTICO NO ENSINO MÉDIO

- PRODUTO EDUCACIONAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA – MESTRADO DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG).

Área: Ensino na Educação Básica
Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.
Orientadora: Prof^a. Dra. Ilse Leone B. C. de Oliveira

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	04
À LUZ DA TEORIA DO DISCURSO.....	07
RELATO DE EXPERIÊNCIA I	23
RELATO DE EXPERIÊNCIA II.....	31
RELATO DE EXPERIÊNCIA III.....	40
RELATO DE EXPERIÊNCIA IV	50
RELATO DE EXPERIÊNCIA V.....	56
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	61
REFERÊNCIAS DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	63

APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a) da Educação Básica,

Durante a minha prática docente, ao trabalhar com leitura no ensino médio, vivenciei várias situações em que o aluno sabia decodificar o texto, mas possuía dificuldades em estabelecer relações entre os ditos no texto, o mundo social e as condições de produção. Estou ainda mais incomodada com essa condição de leitura dos nossos alunos, visto que, na era digital em que vivemos, todos somos bombardeados por informações, muitas vezes fake news, as quais diariamente nos influenciam. Assim, é de fundamental importância que os nossos jovens desenvolvam uma leitura crítica que dialogue com os aspectos históricos e sociais a fim de se posicionarem diante dos textos que lhes são cotidianamente expostos em sala de aula, nas redes sociais ou em qualquer outra mídia. Afinal, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 9).

De fato, nos últimos 20 anos, houve grandes avanços no ensino de leitura no Brasil. Isso fica evidente ao observarmos os livros didáticos e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006). Todavia, ainda se veem propostas de leitura que se prendem à mera decodificação, e o texto é abordado apenas como pretexto para o ensino de gramática. Além disso, essas práticas de leitura não apresentam propostas de atividades com gêneros discursivos na dimensão em que esse tema deve ser trabalhado, pois se limitam aos elementos composicionais e não alcançam os discursos. Consequentemente, como vêm evidenciando os exames nacionais e internacionais,¹ tem-se formado, em sua maioria, um sujeito leitor passivo que apenas extrai informações prontas dos textos e é incapaz de enxergar os múltiplos sentidos da linguagem discursiva.

Diante desse panorama, apresento um produto educacional fruto da minha dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica – Mestrado do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), realizado no período de 2016 a 2019.

O objetivo da dissertação foi compreender como o gênero discursivo charge está sendo trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa para construir o sujeito leitor crítico no ensino médio e quais procedimentos de leitura possibilitam a compreensão dos discursos presentes nas charges.

¹ Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) e Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

Neste e-book, apresento uma breve revisão dos pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa, algumas considerações sobre o gênero discursivo charge, relato de cinco experiências vivenciadas com a leitura da charge em uma perspectiva discursiva, lembretes e sugestões metodológicas, planos de ação e os momentos de reflexão que sucederam as práticas pedagógicas em uma turma do segundo ano do ensino médio em uma escola pública militarizada.

Durante todo o trabalho foram utilizadas metodologias em que o aluno é reconhecido como sujeito de discurso e capaz de estabelecer relações entre o enunciado da charge e o momento histórico, político e social. Assim, este aluno-leitor do ensino médio teve sua voz ouvida e seus posicionamentos evidenciados, uma vez que a charge, ao chegar à sala de aula, não perdeu a sua força enunciativa de crítica e reflexão. Por conseguinte, esse estudo motiva você, professor (a), a se distanciar das receitas prontas “do que fazer”, mas buscar entender o ensino, a prática, o fazer pedagógico problematizando-o com o intuito de constantemente aprimorá-lo de acordo com a luz teórica e as idiossincrasias de sua realidade pedagógica. Faço minhas as palavras de Prado Filho (2006, p. 33) ao dizer que “ao entrar em contato com o seu sujeito de pesquisa, não se deve buscar impor a ele a sua teoria, mas ser capaz de aceitar as descobertas e surpresas da subjetividade cotidiana”.

Boas reflexões,

Um abraço afetuoso,

Eunice

À LUZ DA TEORIA DO DISCURSO...

A concepção da análise do discurso de linha francesa que surgiu na França, em 1960, com Michel Pêcheux, acredita que tanto o leitor quanto o autor são sujeitos heterogêneos, produtores de sentido e influenciados por aspectos sociais, históricos e ideológicos, não havendo, assim, neutralidade nem transparência na linguagem. Ocorre uma mudança de visão em relação ao texto, “sai-se do positivismo da estrutura e instala-se em uma posição materialista, a que privilegia o processo e articulação entre estrutura e acontecimento” (ORLANDI, 2016, p. 22).

Assim, o foco da análise do discurso não será a frase, a palavra ou a estrutura; não se fala em emissor e receptor, mas em sujeitos que se alternam como enunciadores. É de fundamental importância a relação entre língua, história e sujeito. Por conseguinte, a análise do discurso objetiva a prática de linguagem na sociedade, pois as construções linguísticas estão ligadas ao contexto social, ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor/enunciador (ORLANDI, 2001).

A análise do discurso não se interessa apenas pelo produto, mas pelo processo de constituição dos discursos. Anseia compreender como aquilo que se diz se relaciona com o que não se diz e quais são as relações entre outros discursos produzidos num mesmo contexto histórico, social e ideológico (ORLANDI, 2016). Logo, não é apenas interpretar o texto, mas compreender como ele produz sentidos a partir das posições do sujeito que é constituído pela linguagem, pelo discurso e pela ideologia.

Outro autor que se destaca nos estudos do discurso, embora não seja da análise do discurso de linha francesa, é Mikhail Mikhailovich Bakhtin, pesquisador, pensador e filósofo russo que, junto com o Círculo, contribuiu significativamente para os estudos da linguagem na perspectiva social. O pensamento bakhtiniano tem como foco o discurso e a linguagem em uso. Não lhe é relevante estudar a língua como um sistema abstrato de regras nem retirar a vida e a função social da linguagem. Enxerga o discurso, ou seja, a língua em ação, o enunciado vivo e socialmente construído por meio de diversas interações. Dessa forma, propõe uma metalinguística ou translinguística que consiste no estudo do funcionamento da linguagem por meio das relações dialógicas enunciativas. “A palavra é a ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 117). É na interação dialógica com o outro que a linguagem e o próprio “eu” se constituem.

Ao se debruçar sobre o estudo dos enunciados, Foucault (2008) diz que o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, da proposição ou ato de linguagem; não é uma unidade como um objeto material; não é simplesmente o uso de um conjunto de elementos linguísticos por um sujeito falante e nem uma estrutura.

Assim, os enunciados possuem várias vozes, valores e ideologias que são determinantes na sua construção, desde as escolhas das palavras até o lugar do dizer. Exemplo disso é o enunciado “a greve acabou” ou “uma nova greve é deferida”. Ele adquire sentidos diferentes se for usado pelo patrão, pelo sindicato ou mesmo pelos trabalhadores em diferentes contextos históricos e sociais. Bakhtin (2016, p. 74) diz que “cada texto como enunciado é algo individual, único e singular”.

Consoante Pêcheux (1997a), a partir de um acontecimento real, nasce um acontecimento discursivo, visto que as condições históricas interferem na língua. O discurso se constrói no movimento das falas escritas ou orais nos enunciados.

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se descolar discursivamente de seu sentido para derivar para outro [...] todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso. (PÊCHEUX, 1997a, p. 53).

Diferentemente da oração, que é uma unidade do texto, o enunciado tem axiologia, valor, posicionamento que precede e antecede a muitos outros, os quais edificam um entrelaçado de interdiscursividade. Dessa forma, os enunciados estão no mundo do discurso em uso e constituem uma contrapalavra responsiva aos demais (BAKHTIN, 2010). Embora seja necessária a estrutura da língua, a comunicação só acontece mediante enunciados, visto que é a atribuição de valor que transformam qualquer corpo físico em signo ideológico, pois “tudo que é ideológico possui um significado” (BAKHTIN; VOLOCHÍOV, 2006, p. 31). Essa é a dimensão “sine qua non” dos enunciados.

Bakhtin (2016) esclarece que o enunciado é uma situação real da comunicação discursiva e se diferencia da noção de frase como unidade puramente gramatical. Os enunciados, unidade comunicativa, irão formar vários outros. Uma palavra adquire diversos sentidos, dependendo do contexto de produção (sujeito e situação) em que é realizada. Considera Bakhtin que:

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo [...] todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo [...] todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2016, p. 57, grifo do autor).

Visto que o enunciado é uma unidade do discurso, é de fundamental importância perceber os vínculos entre os enunciados e a relação que mantêm com o contexto de produção. Bakhtin diz:

O discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (BAKHTIN, 2016, p. 28).

Assim, o enunciado marca diferentes posições sociais e é o lugar da contradição e do sentido, da polifonia, ou seja, das várias vozes sociais, pois é complexo e vivo. De acordo com Fiorin (2017), a preocupação com os enunciados justifica-se tendo em vista que estes não são neutros, mas ideológicos. Portanto, é imprescindível estabelecer relações e não tentar compreender o enunciado em um isolamento em si mesmo, mas “tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações” (FOUCAULT, 2008, p. 32). O filósofo ainda reitera:

- Não há enunciados livres, neutros e independentes; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (FOUCAULT, 2008, p. 112, grifo nosso).

O enunciado é o que é efetivamente dito, o que pode ser dito. Esse dito é o que explica não só a situação enunciativa, mas outros enunciados em rede. A explicação dos ditos está em outros ditos e nas condições de possibilidade desse dizer, pois o discurso e o seu momento histórico apresentam fortes relações. Argumentando sobre isso, Orlandi, (1987) afirma que o enunciado é uma função. No nível de função, ele atravessa em uma relação diagonal e não vertical, pois é cruzado por vários campos discursivos. Dessa forma, não dá para cercar o enunciado, pois este não remete a uma forma única. Ele é heterogêneo e tem sua raridade marcada pela dispersão.



GÊNEROS DO DISCURSO

Antes de se entender plenamente o estudo dos gêneros do discurso, é necessária a compreensão da relação entre o conceito de ato/atividade e os gêneros. Em conformidade com Bakhtin (2010), o ato não pode ser separado da sua realidade histórica e social. A vida é um ato complexo, e cada ato de pensar e agir é singular em seu conteúdo. Logo, o ato é da ordem do irrepetível. Para Sobral (2005), o ato não é a ação física em si, mas todo agir humano é um ato. O ato envolve a vida, cada gesto, experiências vivenciadas, pensamento e sentimento.

Todos os seres humanos são evento, pois participam da vida e da cultura. Essa eventicidade se dá na alteridade de modo responsável e responsável, não havendo álibi para não ser assim. O sentido se entrelaça ao ato, assim o ato não é apenas racional, é também responsável e responsável, tendo em vista que, ao responder, o “eu” se posiciona. Isso significa que o “eu” e o “outro” não podem viver em uma relação de indiferença. O não álibi obriga a reconhecer o fator próprio do ato – a participação de cada um é singular no tempo e no espaço social que ocupa. Diante da singularidade do ato, o próprio Bakhtin reconhece que descrevê-lo de maneira clara e distinta em termos teóricos é um desafio.

O ato – considerado não a partir de seu conteúdo, mas na sua própria realização – de algum modo conhece, de algum modo possui o existir unitário e singular da vida [...] o ato não vê somente um contexto único, mas também o único contexto concreto, o contexto último, com o qual relaciona tanto o seu sentido assim como o seu fato. (BAKHTIN, 2010, p. 79, grifo do autor).

O conhecimento sobre o ato/atividade e suas singularidades é essencial para vivenciar o uso efetivo da linguagem em situações sociais diversas. Sentir o ato concreto da vida na linguagem é não retirar a pulsão de vida do gênero do discurso.

E é pensando no ato e de dentro da própria eventicidade que Bakhtin descortina e comprehende os gêneros do discurso. Toda construção linguística social é enformada pelos gêneros. Conforme Bakhtin (2016), os gêneros do discurso são múltiplos e possuem uma riqueza infinita, inesgotáveis possibilidades, visto que mergulham e emergem-se do mundo da vida e do social. Além disso, possuem o elemento fundamental para a sua versatilidade, são relativamente estáveis. Consentem alterações por influência do momento histórico, social e cultural em que estão inseridos.

No dizer de Machado (2005), os gêneros não têm um início original e nem uma morte definitiva e não se restringem ao mundo da escrita. Os gêneros do discurso estão inseridos em diversos campos (esferas) de produção discursiva, tais como: jornalístico, religioso, publicitário, cinematográfico, pedagógico, científico, midiático e muitos outros. Bakhtin (2016) postula:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKTHIN, 2016, p. 11).

Bakhtin diferencia os gêneros do discurso em primários e secundários. Os primários são os produzidos em circunstâncias enunciativas mais simples, especialmente na oralidade, e fazem parte da linguagem cotidiana e espontânea. Por exemplo: conversas do dia a dia com amigos, colegas de trabalho, vendedores, familiares e outras trocas verbais que não exigem muita elaboração linguística. Já os gêneros secundários são discursos, em sua maioria, escritos e linguisticamente mais elaborados e complexos. Tais como: romances, teatro, discurso político, editorial, palestras e teses. Embora o autor diferencie os gêneros em primários e secundários, é importante entender que tanto o primário como o secundário se incorporam e se transformam em outros. Assim, o incorporado será primário em relação ao secundário. De fato, alguns gêneros são mais livres e criativos enquanto outros são mais estruturados, não obstante, quanto mais se vivencia um determinado gênero, mais se obtém o domínio sobre ele.

O filósofo ainda elucida a questão ao dizer que os gêneros do discurso possuem três elementos:

O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKTHIN, 2016, p. 12).

O tema é o horizonte de sentido do discurso e marca as intenções, as direções e as condições de produção. Assim, envolve a enunciação como um todo, pois se relaciona aos signos ideológicos, aos atravessamentos, aos interdiscursos e às vozes argumentativas. Desse modo, o tema não se repete, visto que o conteúdo temático é criado no ato concreto, na interlocução com o outro, na alteridade. Mesmo quando o enunciado é idêntico ao proferido anteriormente, as condições de produção ou a enunciação nunca serão as mesmas.

O estilo constitui as diferentes maneiras de organizar a linguagem dentro de um determinado gênero do discurso. Ele atende a um específico campo discursivo em que o gênero se insere e, mediante as escolhas linguísticas, o autor cria uma imagem. Esta poderá contravir ao período histórico e até mesmo ao que se espera do próprio gênero. Assim, é válido salientar que o estilo não é apenas individual, mas também coletivo. Segundo Fiorin (2017), o estilo é fruto de uma visão de mundo. Já a construção composicional é a en formação que o gênero adquire e faz parte da ordem do repetível.

Os gêneros do discurso constituem as diversas formas de atuar linguisticamente no mundo social. Em vista disso, os três componentes do gênero (o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional) não devem ser observados separadamente, mas como dimensões que se contemplam e se completam.



LETRAMENTO

O letramento vai além do contexto de aprendizagem e busca os significados sociais da leitura e da escrita, ou seja, atravessa a alfabetização e chega ao social.

Consoante Street (2014), há dois tipos de letramento – ideológico e autônomo.

Um modo “ideológico” [...] força a pessoa a ficar mais cautelosa com grandes generalizações e pressupostos acalentados acerca do letramento “em si mesmo”. Aqueles que aderem a este segundo modelo se concentram em práticas sociais específicas de leitura e escrita. O modelo exalta a importância do processo de socialização na construção dos significados do letramento para os participantes e, portanto, se preocupam com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições pedagógicas (STREET, 2014, p. 44, grifo nosso).

Quando as ações de letramento estão situadas no social e nas práticas discursivas, este é ideológico. Isso significa que a palavra não é tida como neutra, porque toda palavra tem uma intencionalidade e um propósito. Implica o conceito de letramento engajado com o social e não distante das práticas cotidianas de discurso. Contudo, quando o evento de letramento é desgarrado, separado ou independente das práticas sociais de leitura e escrita, este é autônomo.

Para a autora Ângela Kleiman, uma das seguidoras de Street no Brasil, “os estudos do letramento partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem” (KLEIMAN, 2007, p. 4). Dessa forma, o letramento é a condição do sujeito que consegue usar a leitura e a escrita em suas práticas sociais. Esse sujeito é capaz de, através da linguagem, resolver o que lhe é solicitado pela sociedade letrada e transformar seu lugar social.

Para a realização do letramento como prática social, é necessária a mediação de um professor comprometido com a transformação do sujeito, um agente de letramento. Em um evento de letramento ideológico, o qual busca no social o seu referente constante, o professor acolhe o saber do aluno e o integra na enorme rede de conhecimento que está sendo construída. Ocorrem assim experiências reais de uso da leitura e da escrita.

É de fundamental importância pensar na produção, na recepção e na circulação dos textos lidos e produzidos pelos alunos a fim de conferir um valor social ao trabalho com a linguagem no contexto escolar. Kleiman afirma:

Um evento de letramento — não se diferencia de outras situações da vida social: envolve uma atividade coletiva, com vários participantes que têm diferentes saberes e os mobilizam (em geral cooperativamente) segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns. A prática social como ponto de partida e de chegada. (KLEIMAN, 2007, p. 5).

A mediação pedagógica deve acontecer com bases dialógicas de trocas entre o professor e os estudantes, não como imposição de um sobre o outro. O mediador ou a mediadora é o agente simplificador ou condutor da aprendizagem.

Certamente, desenvolver uma experiência de letramento crítico implica provocar posicionamentos dos alunos em relação ao que é dito. Tira as estabilidades dos sentidos e também potencializa certa “instabilidade pedagógica”. No sentido de que não tem nada pronto e fechado, mas todas as situações e práticas podem ser revistas e aprimoradas.



A CHARGE

A charge vem da palavra francesa “charger”, que significa carregar ou exagerar. Tem caráter burlesco e provoca o riso, a comédia e a paródia. É muito ligada a fatos do cotidiano. “A agressividade é a fonte de onde brota seu humor como discurso que repercute atos, reações públicas, opções partidárias e determinações ideológicas” (TEIXEIRA, 2005, p. 83). Está fortemente ligada à realidade e a expressa através do humor. Conta uma história com personagem representativo de um sujeito real. É temporal e momentânea.

De acordo com Teixeira (2005, p. 11), “a charge é uma arma de grosso calibre a serviço da manifestação de uma opinião pública [...] a proposta não é registrar o real, mas significá-lo.” Para o autor a charge é um gênero que transgride visto que é insurgente ao próprio gênero jornalístico, pois não possui o tom sério, objetivo e imparcial da notícia. Não é outra notícia, mas reproduz uma notícia com subjetividade, ousadia e parcialidade evidente. Além disso, é questionadora das verdades estabelecidas pelo discurso da razão. Assim, o discurso materializado na charge responde a diversos outros ditos e é libertador no sentido de “gritar” e demonstrar o posicionamento do chargista diante de um fato social. Ela provoca o leitor e, muitas vezes, lhe tira a segurança de conceitos.

Sem dúvidas, olhar a charge na perspectiva do discurso é perceber o seu movimento social, o gênero em sua eventicidade, e não uma unidade linguística estática dentro da aula ou um texto retalhado e didatizado. Consoante Giovani e Souza (2014, p. 132), “o gênero não se ensina. É algo que se vive ou não no interior da escola”. A leitura, nessa perspectiva, constitui uma luta entre a exotopia do leitor e a própria criação estética do autor/criador, a qual é fruto de um lugar singular no mundo. É uma leitura plural na qual o texto é o ponto de partida para enxergar as variadas estratégias utilizadas pelo autor.

Galeano (2002) conta a história de um garoto que não conhecia o mar e que, diante da imensidão, pede ao seu pai que lhe ensine a olhar. A charge é metaforicamente o mar – possui uma imensidão de sentidos. Assim como o pai do garoto, os educadores, à luz da teoria, têm a responsabilidade, sem nenhum álibi, de “ensinar” o aluno a compreender o que antes não enxergava ou ignorava. É preciso “ensinar” a olhar, no sentido de apontar direções, a fim de enxergar exotopicamente os heterodiscursos constitutivos da teia enunciativa.



LEMBRETE

Ao selecionar as charges que levará para a sala de aula, você, professor, deverá refletir sobre os conhecimentos que os alunos eventualmente já possuam e a relevância social da temática desenvolvida na charge. Assim, ao apresentar a charge, não centralize a leitura como que fechando os sentidos em torno do seu horizonte e negando a dispersão. Na verdade, devemos ouvir o que os alunos em sua exotopia têm a dizer sobre a charge antes de qualquer interferência. E a partir da contemplação exotópica dos alunos, você saberá onde atuar a fim de exercer uma força centrífuga que possibilite abertura dos sentidos.



RELATO DE EXPERIÊNCIA I

O exercício do debate!

As charges do dia...



Gilson. Disponível em: <<https://bit.ly/2SimMTf>>.



Adnael. Disponível em: <<https://bit.ly/2DTtQBJ>>.



Brum. Disponível em: <https://bit.ly/2RFAH61>

**Se tentarem enterrar uma ideia ela brota renovada e com
mais força!**



Ronchi G. Disponível em: <<https://bit.ly/2QsyDkv>>.



PLANO DE AÇÃO I

OBJETIVOS

- Refletir sobre a estrutura e a linguagem usada nas charges.
- Identificar e compreender os discursos na charge.
- Ler charges diversificadas.
- Ouvir o outro e compreender os seus argumentos.

METODOLOGIA

- Aula expositiva dialogada.
- Atividade de leitura em grupo: debate/escrita.
- Debate coletivo

RECURSOS

- Datashow
- Charges coloridas

AVALIAÇÃO

- Produção oral
- Produção escrita: materialização do debate em grupo e coletivo.

O objetivo da aula era que os alunos lessem as charges e debatessem os efeitos de sentido resultantes da relação intradiscursiva e interdiscursiva. Não era relevante para a pesquisa verificar se o leitor-aluno era a favor ou contra a prisão do ex-presidente Lula, mas observar a leitura realizada, os atravessamentos discursivos que influenciaram os posicionamentos, ou seja, observar o processo de leitura, a construção do gesto interpretativo (ORLANDI, 2012b).



COMO FIZ ISSO....

- **Organização dos grupos: quatro grupos de até oito componentes. Os grupos puderam escolher se ficariam em sala de aula ou em algum “cantinho” no pátio da escola.**
- **Realização de um debate regrado em três momentos distintos: primeiro em pequenos grupos, segundo em uma discussão coletiva e terceiro a materialização das discussões por meio de um texto escrito.**

- **Distribuição das charges:** quatro charges de diferentes autores. As charges foram produzidas na primeira quinzena do mês de abril de 2018 e divulgadas em diferentes sites, blogs e redes sociais (facebook, instagram e twitter). Todas remetem ao mesmo acontecimento, prisão do ex-presidente Lula, ocorrida dia sete de abril de 2018.
- **Orientações:** os estudantes foram orientados a estabelecer as relações existentes entre os enunciados das charges e os vários discursos que circulam socialmente.
- **Tempo:** foram concedidos quinze minutos para debate em grupo, vinte minutos para o debate coletivo e mais quinze para as conclusões serem assentadas por escrito.
- **Mediação:** Durante o debate, coordenei as discussões e não me posicionei em relação ao exposto pelos alunos.



REFLETINDO SOBRE A AÇÃO

Não culpei nem responsabilizei os alunos enunciadores pelo que disseram ou “deixaram de dizer”; na verdade tudo está dito (FOUCAULT, 2008). Foi gratificante notar o quanto os alunos focaram a leitura no discurso presente nas charges e conseguiram estabelecer as relações entre o enunciado e os outros discursos que circulam socialmente. Além disso, a metodologia do debate regrado possibilitou trocas argumentativas e uma postura de respeito em relação às divergências entre os diferentes pontos de vistas.

Mesmo quando surgem posicionamentos extremos, embora não os tenham ocorrido nessas aulas, é necessário que o professor mediador tente estabelecer pontos em comum ao permitir o confronto respeitoso de ideias. Também, nesses casos, é interessante levar o aluno a racionalizar e refletir sobre as causas e as consequências do seu posicionamento tanto para ele como para a sociedade de modo geral em longo prazo. De fato, esse tipo de situação exige muito discernimento, conhecimento e uma postura ética do educador, pois saber ouvir o que o outro pensa não implica necessariamente concordar com o dito, já que é uma atitude dialógica entre os discursos e os contradiscursos.

As análises das aulas ministradas também evidenciaram um posicionamento crítico limitado em relação ao fato histórico e a necessidade de aprimorar a problematização através da formação leitora crítica.



LEMBRETE

Visto que a leitura da charge exige o conhecimento de enunciados e enunciadores prévios, é importante que haja uma intervenção dialógica junto aos alunos para que todos possam recuperar esses enunciados a fim de construir o sentido. Deve haver o resgate da memória discursiva. A memória de discurso não é uma lembrança, psicologicamente falando, antes é constituída por um conjunto de ditos e pré-construídos relatados e citados sobre um determinado acontecimento Aliás, conforme Pêuchex (2015b, p. 46), é “a condição do legível em relação ao próprio legível”.



RELATO DE EXPERIÊNCIA II

Leitura, memória e interação

As charges do dia...

*Imagina toda essa
velocidade judicial
para prender o presidente
da SAMARCO...*



Quinho. Disponível em: <<https://bit.ly/2U1zN5B>>.



J. Bosco. Disponível em: <<https://bit.ly/2KIfYMg>>.



PLANO DE AÇÃO II

OBJETIVOS

- Refletir sobre a memória discursiva e os discursos da charge.
- Analisar e problematizar os efeitos de sentido dos discursos.
- Posicionar-se criticamente diante da charge.
- Estabelecer relações entre o discurso dos gêneros jornalísticos e o discurso da charge.

METODOLOGIA

- Aula expositiva dialogada.
- Atividade de leitura em duplas: leitura / debate/ escrita.
- Assistir a uma reportagem.
- Assistir a duas notícias.
- Produção escrita

RECURSOS

- Datashow
- Videorreportagem
- Charges coloridas

AVALIAÇÃO

- **Produção oral**
- **Atividade de leitura em duplas.**

Ciente de que o texto “traz marcas de retornos reflexivos, de remanejamentos e de retificações, de atualizações ou de apreensões” (MALDIDIER, 2017, p. 41), busquei estratégias para recuperar a memória discursiva, o pré-construído, os tantos discursos outros que os alunos não possuíam, mas que eram essenciais para a construção de sentido. Assim, recorri aos gêneros reportagem e notícia para resgatar alguns discursos.

- **Gênero reportagem:** esse faz parte do campo jornalístico, que apresenta os fatos de modo opinativo com entrevistas, depoimentos, dados de pesquisa, consequências, etc. Apresentei uma reportagem que faz parte de uma série exibida pela Rede Minas sobre o acontecido na cidade de Mariana, no interior do estado de Minas Gerais. (“Há dois anos a barragem de Fundão da Samarco, em Mariana, Minas Gerais, se rompeu”. Publicado na “TvBrasil” em 6 de nov. de 2017.)

- **Gênero notícias:** um instrumento para retomar os discursos apresentados na segunda charge. O gênero notícias é informativo, impessoal e apresenta os fatos de forma bem resumida. Assistimos às seguintes notícias: “EUA faz chover mísseis sobre a Síria, a coisa está ficando fora de controle.” Publicado por “Isso que é história” em 9 de abr. de 2018. E “Barcarena vazamento de resíduo Hidroalunorte”. Publicado pelo “Jornal Nacional” em 23 fev. de 2018.



COMO FIZ ISSO...

- **Organização dos trabalhos:** os alunos escolheram um colega e se sentaram em duplas. A leitura em dupla é bem produtiva visto que somos sujeitos sociais e a linguagem que usamos não é nossa, “mas também dos outros e é para os outros e com os outros que interage verbalmente” (GERALDI, 2010, p. 36). Estamos sempre nos completando e nos constituindo em nossos ditos e nos ditos dos outros.
- **Distribuição das charges:** foram entregues duas charges de autores diferentes e solicitado que os alunos levassem em conta o enunciado, a data, os fatos sociais e fizessem as problematizações que julgassem necessárias.

- **Tempo:** os alunos tiveram dez minutos para a primeira conversa e mais quinze minutos para expor à turma suas leituras.
- **Mediação:** apresentei a reportagem e a notícia, abri para comentários e as duplas novamente debateram as charges e produziram um pequeno texto escrito.



REFLETINDO SOBRE A AÇÃO

Durante esse encontro, os gêneros reportagem e notícia em suas multimodalidades (som, imagem, cores, movimento) estabeleceram um diálogo bem interessante com a charge. E certamente, foram fundamentais para o resgate da memória de discurso imprescindível na construção dos sentidos.

O trabalho pedagógico da leitura em duplas foi realmente produtivo. Ler em duplas envolve troca, discussão, comparação, negociação dos sentidos e cooperação para o crescimento intelectual e cultural dos pares. Além disso, notamos que a proposta de leitura visando à problematização do que é dito foi bem acolhida. Os alunos-leitores questionaram o que lhes foi colocado e abriram novas possibilidades de sentido durante as discussões. Eles foram capazes de enxergar a imagem da charge como um discurso atravessado e

constituído por diversos outros ditos prévios e essenciais para a compreensão.

Destarte, foi vivenciado um evento de letramento ideológico (STREET, 2014), uma vez que a mediação pedagógica possibilitou condições para que os alunos pudessem expor o seu gesto interpretativo a partir de um diálogo indissociável com discursos que circulam e já circularam socialmente. Logo, compreender a leitura como prática social envolve entender que ela é historicamente desenvolvida, ou seja, a interpretação ocorre diante daquilo que a historicidade nos permite.



LEMBRETE

A sala de aula não é lugar de apenas se transmitir conhecimento, mas também de produzi-lo. Conforme Alarcão (2004, p. 26-28), o aluno deve “descobrir o prazer de ser uma mente ativa e não meramente receptiva”. A organização da aprendizagem que enxerga os alunos como seres capazes de produzir estimula a autonomia e valoriza a capacidade de escolha e reflexão desse sujeito inserido em complexas relações sociais e ideológicas.

Na perspectiva de Bakhtin, é própria do gênero discursivo a tensão, a alteridade, a axiologia, as intencionalidades, as vontades e os desejos. Por conseguinte, a palavra não deve ser tomada como algo pronto e coisificado, pois perderá o seu caráter ideológico, social e dialógico. “A palavra avança cada vez mais à procura da compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2016, p.106).



LEMBRETE

Dessa forma, uma boa ideia é a realização de um seminário “chárgico”, evitando a todo custo um diálogo vertical, no qual a sua fala ou a sua leitura, professor, se sobreponha aos sentidos construídos pelos alunos. Tendo em vista que o foco de um seminário é a exposição oral de um determinado assunto previamente pesquisado, essa é uma atividade na qual a autonomia em construir o conhecimento é inquirida durante todo o processo. Assim, a prática do seminário é rica em proporcionar condições para as trocas e as negociações de sentido com diversos outros.



RELATO DE EXPERIÊNCIA III

Um seminário “chárgico”!

As charges do dia...



Latuff. Disponível em: <<https://bit.ly/2zAM2gA>>.



Cabral. Disponível em: <<https://bit.ly/2DRo9UZ>>.



J. Bosco. Disponível em: <https://bit.ly/2E7cUJh>



PLANO DE AÇÃO III

OBJETIVOS

- **Desenvolver a autonomia.**
- **Colaborar e cumprir com as responsabilidades de um trabalho em grupo.**
- **Aprimorar a capacidade argumentativa.**
- **Refletir sobre o contexto de produção da charge.**
- **Compreender os discursos e os efeitos de sentido.**

METODOLOGIA

- **Apresentação de um seminário “chárgico”.**

RECURSOS

- **Datashow**
- **Charges coloridas.**

AVALIAÇÃO

- **Produção oral: seminário.**
- **Leitura/escrita**



COMO FIZ ISSO...

- **Organização do trabalho:** foram organizados, pelos alunos, grupos de até quatro componentes.
- **Orientações:** os estudantes foram incentivados a buscar em sites, blogs e redes sociais diferentes charges que dialogassem, convergindo ou divergindo, com as charges lidas em sala de aula ou que eles mesmos produzissem essas charges. Depois, os grupos deveriam expor à turma o resultado dessas leituras, proporcionando assim a possibilidade de debate coletivo sobre os discursos das charges escolhidas.
- **Tempo:** tiveram uma semana de prazo para escolher ou produzir a charge, debater os discursos, treinar a apresentação, fazer os slides ou xerocopiar o material para a turma. Cada grupo teria inicialmente cinco minutos para falar. Em seguida, mais cinco minutos para debater com a turma.



SUGESTÃO

Trago aqui algumas sugestões de questionamentos que poderão ser feitos por professores e professoras, se assim os achar pertinentes, em outras experiências de leitura da charge. Estamos convencidos de que “o ensino do futuro não estará lastreado nas respostas, mas nas perguntas” (GERALDI, 2015, p. 95).

- **Que eventos sociais provocaram esses enunciados?**
- **Que relação existe entre as condições de produção e a charge?**
- **Quais os discursos que atravessam esse enunciado?**
- **Como os discursos presentes na charge dialogam com o contexto social e político que vivenciamos?**



SUGESTÃO

- **O enunciado proferido por determinado personagem marca que tipo de posicionamento social diante do ato concreto de linguagem?**
- **Que tipo de posicionamento responsivo apresenta tal personagem?**
- **Qual é o efeito de sentido provocado por essa charge?**
- **Quais outros enunciados podem surgir a partir da compreensão desta charge?**
- **Com qual das personagens você se identifica?**
- **E por quê? Qual é a relação estabelecida entre a imagem e a linguagem verbal?**



SUGESTÃO

- **Qual ou quais dos elementos imagéticos mais significam discursivamente? Por quê?**
- **Você defende o posicionamento do chargista como uma verdade? Justifique.**



REFLETINDO SOBRE A AÇÃO

Nessas aulas, os alunos novamente apresentaram uma leitura focada nos discursos que constituem a charge. Eles conseguiram relacionar o que leram com os vários saberes que possuíam e elaboraram outros enunciados também carregados de valores e crenças que os constituem.

Durante o planejamento e o exercício do seminário, os estudantes puderam desenvolver uma postura autônoma, reflexiva e crítica diante do discurso do outro. Nesse seminário, o outro estava tanto no discurso das charges como nas diferentes leituras dos colegas sobre a mesma charge. Além disso, demonstraram o percurso de leitura que construíram e se posicionaram diante do que foi lido. Indubitavelmente, essa foi uma prática pedagógica pautada no dialogismo discursivo e no desenvolvimento da autonomia.

Estou convicta de que é vital instigar os alunos com questionamentos que os façam perceber as possibilidades de sentidos existentes a partir da sua posição exotópica de leitor contemplador. Assim, é preciso fomentar a contrapalavra responsiva ativa (BAKHTIN, 2016). Obviamente, cabe a cada docente refletir sobre como conduzirá o diálogo acerca de determinada charge, tomando cuidado com as questões, para que elas não fechem os sentidos, mas que direcionem a reflexão por intermédio das contextualizações históricas e sociais. As indagações poderão ser usadas para direcionar o diálogo coletivo com a turma sobre determinada charge, permitindo que cada sujeito leitor construa o seu processo de leitura e encontre o que lhe é responsável.



LEMBRETE

**Incentive seus alunos a lerem não apenas
as palavras, mas
também o mundo (FREIRE, 1998). Dê voz a
eles de modo que possam se posicionar
em relação aos
discursos sociais, políticos, econômicos e
outros inerentes ao momento
histórico no qual vivemos.**

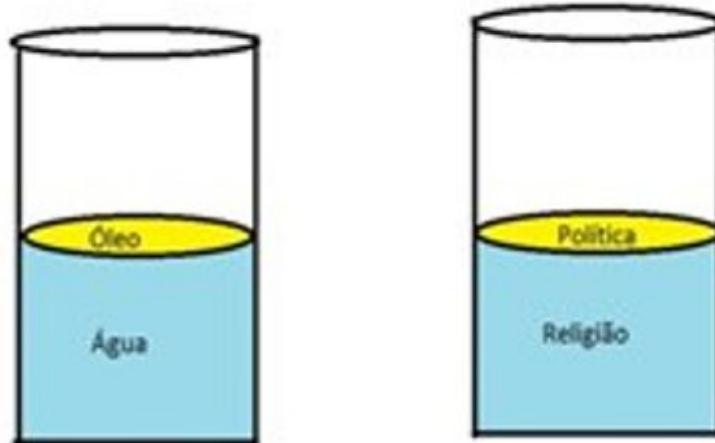


RELATO DE EXPERIÊNCIA IV

Mãos à obra!

As charges do dia...

Você concorda?

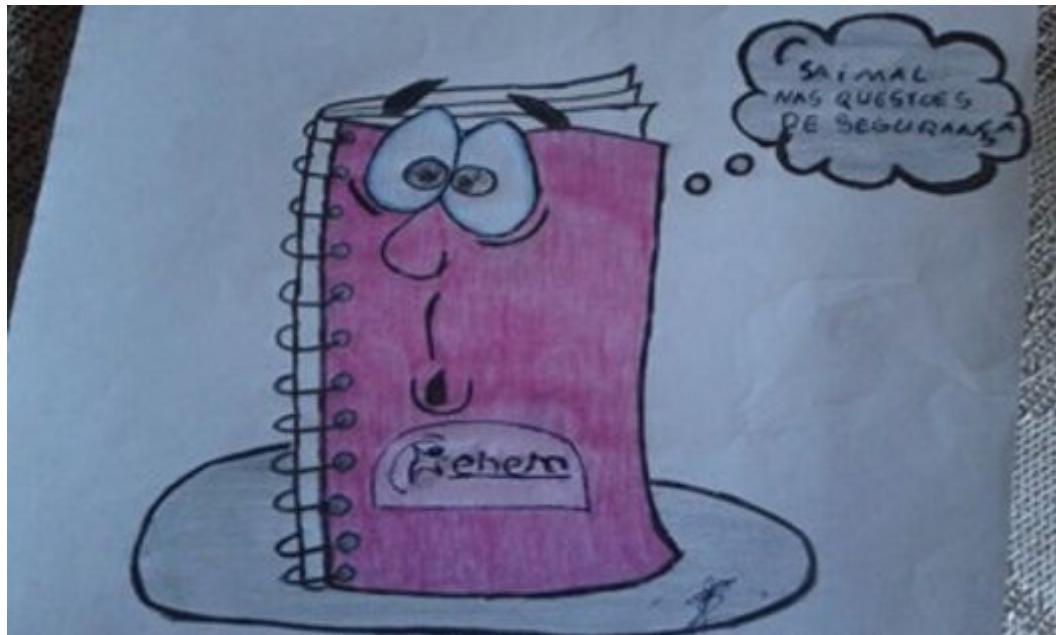


(Produção de charge: grupo A, 06 de maio 2018)

Homem de bem...



(Produção de charge, grupo B, 06 de maio de 2018)



(Produção de charge, grupo C, 06 de maio de 2018)



PLANO DE AÇÃO IV

OBJETIVOS

- **Producir uma charge.**
- **Posicionar-se em relação aos discursos contidos nas charges.**
- **Debater as charges produzidas**

METODOLOGIA

- **Produção de charge em grupo**
- **Apresentação das charges produzidas: leitura, debate, troca de experiência.**

RECURSOS

- **Charge colorida**
- **Datashow**

AVALIAÇÃO

- **Produção das charges.**
- **Participação oral**





COMO FIZ ISSO...

- **Organização do trabalho:** poderia ser desenvolvido em duplas, grupo ou individualmente. Os estudantes deveriam refletir sobre os acontecimentos discursivos e se posicionar criticamente não mais mediante a leitura de uma charge, mas através da produção de uma charge.
- **Organização da sala:** a sala foi organizada em semicírculo.
- **Dinâmica das apresentações:** os grupos apresentaram as charges produzidas e, em seguida, trocaram as charges entre si para a leitura e o debate.
- **Tempo:** cinco minutos para a primeira leitura em grupo e depois abrimos para um debate coletivo sobre os textos produzidos.



REFLETINDO SOBRE A AÇÃO

Essa proposta pedagógica oportunizou o exercício da função autoral exercida pelo sujeito. Segundo Orlandi, (2001, p. 75), “a função discursiva autor é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto”. Na sala de aula, estavam presentes grupos autores, grupos leitores e suas produções. À medida que cada leitura era apresentada os autores concordavam ou até se surpreendiam com o sentido construído pelo grupo leitor. O que foi lido e debatido não foi a intencionalidade dos grupos autores, mas a efetividade do dito e discursivizado nas charges a partir da posição exotópica dos leitores. Conforme exposto por Orlandi (2012a), embora exista uma previsibilidade de leitura para um texto, o inesperado ou o imprevisível deriva do contexto social, ou seja, uma mesma materialidade pode produzir sentidos diversos. E isso ficou evidenciado nas leituras e nas charges produzidas.



LEMBRETE

Caro colega, fuga da homogeneização e do monologismo nas práticas pedagógicas. Priorize a concepção dialógica e vivencie o dialogismo discursivo em sala de aula!



RELATO DE EXPERIÊNCIA V

Entre, a sala é sua!



PLANO DE AÇÃO V

OBJETIVOS

- **Conhecer diferentes chargistas brasileiros**
- **Apreciar entrevista de um chargista**

METODOLOGIA

- **Contato pelas redes sociais**
- **Convite para uma entrevista**

RECURSOS

- **Datashow**
- **Videografia**
- **E-mail**
- **Redes sociais**

AVALIAÇÃO

- **Diálogo com os chargistas**



COMO FIZ ISSO...

- **Organização do trabalho:** comecei a buscar os contatos de alguns chargistas nas redes sociais com o intuito de aproximar os autores dos alunos, para que eles pudessem entender que as charges partem de pessoas reais inseridas em uma prática social de linguagem.
- Daí, através dos gêneros digitais, propus a alguns chargistas que, se possível, me concedessem uma entrevista semiestruturada através de vídeo ou um texto escrito. Os chargistas foram convidados a se expressar sobre a sua formação acadêmica e o ensino da charge.
- Os autores enviaram por e-mail suas expressões. Um deles nos enviou uma carta e os outros três enviaram vídeos.
- **Dinâmica das apresentações:** Durante as aulas de intervenção, apresentei aos alunos a carta e os vídeos recebidos.
- Os chargistas passaram aos alunos os seus respectivos contatos nas redes sociais. Alguns estudantes começaram a seguir os chargistas, ler, curtir e até postar comentários em relação às charges apresentadas.

- **Os estudantes escreveram aos autores elogios, agradecimentos e perguntas.**
- **Os chargistas novamente responderam aos alunos.**
- **Tempo: toda essa rede dialógica de discurso foi mediada por mim, professora pesquisadora, via e-mail, por dois meses. Assim, a sala de aula se tornou o lugar da interlocução, da contrapalavra do aluno sujeito-leitor com os chargistas.**



REFLETINDO SOBRE A AÇÃO

Ao curtir, comentar, ler comentários ou apenas seguir os chargistas, os alunos já demonstram um comportamento responsável diante do enunciado vivo! A leitura da charge nas redes sociais evidencia que o sentido não está pronto, mas deverá ser construído a partir da interação dialógica entre o leitor e as próprias condições de leitura. Isso envolve compreender o dito, as condições de produção e os efeitos de sentido produzidos pelo texto e não se restringir às possíveis intenções do autor.

A vivência de uma experiência de letramento em que o aluno se sente parte do processo marca muito o aprendiz. Segundo Fiorin (2017, p. 61), “o sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas”. Assim, a nossa subjetividade é constituída a partir da heterogeneidade dialógica com várias vozes sociais. Trazer a voz discursiva dos chargistas para as aulas foi tão marcante que muitos alunos afirmaram que essa participação tornou-se a parte mais interessante do trabalho desenvolvido.

Vários estudantes, ao refletirem sobre a experiência de conhecer melhor os chargistas, disseram: “o que mais me marcou”, “achei muito importante” e “a melhor experiência durante toda a pesquisa”. Essas expressões são reveladoras da singularidade da experiência vivenciada. Trazer o aluno para dentro e não o deixar às margens da aprendizagem faz toda a diferença. Logo, agregar mais e mais vozes heterogêneas ao dialogismo discursivo só enriquece o processo de aprendizagem e a construção do conhecimento.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste e-book, apresentei uma base teórica que, tal qual um amanhecer, me trouxe luz para que pudesse enxergar e compreender o discurso. Certamente, a análise do discurso, a perspectiva bakhtiniana da linguagem e as concepções teóricas do letramento crítico contribuem para os estudos da leitura, agregando a história, a sociedade, o sujeito e a ideologia às reflexões sobre linguagem.

O gênero charge constitui um ato discursivo responsivo às diversas enunciações ligadas ao mundo político e social. É um gênero multimodal e discursivo que estimula a crítica e a contrapalavra diante do que é dito. Assim, ao adentrar a escola, esse gênero deve dialogar com o momento histórico social em que o leitor está inserido, ou seja, deve ser atual e ainda carregar a força enunciativa do momento histórico em que foi produzido. Queremos evitar a todo custo que a charge seja “embalsamada” por atividades de leitura que levem à perda do caráter de resistência, de reflexão e de crítica social inerente a ela.

Estou convencida de que o professor não é o detentor do conhecimento ou dos sentidos na leitura, pois os sentidos devem ser construídos junto com os alunos nos diferentes momentos de leitura. A construção desses sentidos implica um encontro desarmado entre educador e educando.

Espero que a leitura deste e-book tenha motivado você, professor ou professora da educação básica, a refletir em suas práticas pedagógicas de leitura da charge em sala de aula com o intuito de contribuir para a formação de um leitor crítico. Enfatizo que não se tratou de um receituário, porém de uma experiência compartilhada, a qual está aberta a novas leituras, sugestões e aprimoramento contínuos.

Muito sucesso a todos nós, professores e professoras que vivenciamos as singularidades, os desafios e as alegrias da Educação Básica!

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BAKHTIN, M. M. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; notas da edição russa de S. Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. V. Miotello e C. A. Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BARCARENA vazamento de resíduo Hidroalunorte. Veiculado pelo Jornal Nacional. [S.I.]: TV Globo, 23 fev. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxicAmp_y40>. Acesso em: 15 abr. de 2018. (3 mim 46 s).

BRASIL. Orientações curriculares para o ensino médio. Volume 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

REFERÊNCIAS

- BRUM, Rodrigo.** Visitas indesejáveis. 10 abr. 2018. Charge publicada no twitter de Rodrigo Brum. Disponível em: <<https://bit.ly/2RFAH61>>. Acesso em: 11 de abr. 2018.
- CABRAL, Ivan.** Seu político. 24 ago. 2007. Charge publicada no blog Sorriso pensante. Disponível em: <<https://bit.ly/2DRo9UZ>>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- DIONISIO, Ângela P.** Gêneros multimodais e multiletramento. In: **KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.)** Gêneros textuais reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- EUA FAZ CHOVER MÍSSEIS sobre a Síria, a coisa está ficando fora de controle.** Veiculado pelo telejornal Hora 1 da Notícia. [S.I.]: TV Globo, 9 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XtFg85LSxcE>>. Acesso em: 15 abr. de 2018. (2 min 55 s).
- FIORIN, J. L.** Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017
- FONSECA, J.** Caricatura: A Imagem Gráfica do Humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. (Col. Ditos e escritos, II.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. (Org.). Autonomia na escola: princípios e propostas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GALEANO, E. O livro dos abraços. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GILSON. Agora a música faz sentido. 10 abr. 2018. Charge publicada em Jornal da Besta Fubana. Disponível em: <<https://bit.ly/2SimMTf>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

GIOVANI, F.; SOUZA, N. B. Bakhtin e a educação: a ética, a estética e a cognição. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

REFERÊNCIAS

- HÁ DOIS ANOS a barragem de Fundão da Samarco, em Mariana, Minas Gerais, se rompeu. Veiculado pelo telejornal Repórter Brasil, da TV Brasil. [S. I.]: Rede Minas, 6 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nj5IJUJSHyA>>. Acesso em: 15 abr. 2018. (4 min 27 s).**
- J. BOSCO. Ataque químico. 10 abr. 2018. Charge publicada no blog Lápis de memória. Disponível em: <<https://bit.ly/2KIfYMg>>. Acesso em: 11 abr. 2018.**
- _____. Descobrimento do Brasil. 22 abr. 2018. Charge publicada no blog Lápis de memória. Disponível em: <<https://bit.ly/2E7cUJh>>. Acesso em: 23 abr. 2018**
- KLEIMAN, Â.B. Letramento e suas implicações para o ensino de Língua materna. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>>. Acesso em: 23 jun. 2017.**
- LATUFF, Carlos. Onze de setembro. 11 set. 2012. Charge publicada em Bola e Arte – Luta social e bola no país da desigualdade velada. Disponível em: <<https://bit.ly/2zAM2gA>>. Acesso em: 20 abr. 2018.**

REFERÊNCIAS

- MACHADO, I.** “Gêneros discursivos”. In: **BRAIT, Beth. (Org.). Bakhtin: conceitos-chaves.** São Paulo: Contexto, 2005.
- ORLANDI, E.** Análise de discurso: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- _____. Discurso e Leitura. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012a.
- _____. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editora, 2012b.
- _____. Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2016.
- PÊCHEUX, M.** Análise de discurso: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas-SP: Pontes Editora, 2015a.
- _____. O discurso: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 1997a.
- _____. Papel da Memória. In: **ACHARD, Pierre et al.** Papel da Memória. 4. ed. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas-SP: Pontes, 2015b, p. 43-50.
- PRADO FILHO, K.** Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. In: **ZANELA, A. V.** Interações. Universidade de São Marcos, vol. XII, n. 22, p. 11-38, jul-dez 2006.

REFERÊNCIAS

QUINHO. O Rio Doce manda lembranças. 11 abr. 2018. Charge publicada no site Scoopnets. Disponível em: <<https://bit.ly/2U1zN5B>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

RONCHI, Genildo. Se tentarem enterrar uma ideia, ela brota renovada e com mais força! 07 abr. 2018. Charge publicada no site Humor Político – rir para não chorar. Disponível em: <<https://bit.ly/2QsyDkv>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

SILVA, Adnael. Lula preso. 09 abr. 2018. Publicado no twitter de Adnael Silva. Disponível em: <<https://bit.ly/2DTtQBJ>> Acesso em: 09 de abr. 2018.

SOBRAL, A. “Ato/atividade e evento”. In: BRAT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2005.

STREET, B. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TEIXEIRA, L. G. S. Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.